

★ UMA LUZ PARA ATRAVESSAR A ESCURIDÃO

A ARTE, UM REFLETOR PARA A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Laura Carvalho

Atriz e professora de teatro, graduada em Comunicação e Artes do Corpo pela PUC-SP em 2004, com especialização em Teatro. Mestranda em Artes da Cena na Escola Superior de Artes Célia Helena, sob orientação da Profa. Dra. Liana Ferraz. Iniciou sua carreira profissional em 1998 no Paraná, onde se formou na Escola Municipal de Teatro de Londrina. Em São Paulo, trabalhou como atriz com diversos diretores e grupos como Brian Penido, Le Plat du Jour, Alexandre Reinecke e Luís Antônio Pilar.

Palavras-chave

Arte.
Educação.
Evasão.
Escola.
Pandemia.
Covid-19.
Coronavírus.

Keywords

Art.
Education.
School Dropout.
Scholarship.
Pandemic.
Covid-19.
Coronavirus.

Resumo: Esse artigo reflete sobre a pandemia da COVID-19 e algumas de suas consequências na educação, como a paralisação das escolas, a utilização do ensino on-line e o retorno gradual às aulas presenciais. Nesse quadro obscuro, a arte é pensada como uma ferramenta que contribua para o acolhimento e pertencimento de alunas e alunos no ambiente estudantil e uma forma de evitar uma maior evasão escolar.

Abstract: This article reflects on the pandemic of COVID-19 and some of its consequences on education, such as the schools shutdown, the use of online teaching and the gradual return to face-to-face classes. In this obscure scenario, art is thought as a tool that contributes to the sheltering and the sense of belonging of students in the scholar environment and a way to prevent further school dropout.

“Enquanto todo mundo espera a cura do mal
E a loucura finge que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência...
O mundo vai girando cada vez mais veloz
A gente espera do mundo
E o mundo espera de nós...”
(Lenine, Paciência)

Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde declara o surto de Covid-19 uma Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional (ESTADÃO, 2020). No 11 de março de 2020, é declarada a pandemia do coronavírus (MOREIRA; PINHEIRO, 2020).

No momento em que este artigo é escrito, mais de 200 mil brasileiras e brasileiros já morreram em decorrência de complicações da Covid-19. O país bate recorde de casos e óbitos, sem contar as subnotificações. O Brasil oscila entre a segunda e a terceira posição mundial junto aos povos mais infectados pelo coronavírus (BBC BRASIL, 2021).

Enquanto um governo negacionista decreta, pela voz do seu presidente, que a covid-19 é apenas uma “gripezinha”, no final de março de 2020, todos os estados brasileiros são forçados a suspender as aulas, gerando um desafio inédito para a nossa educação (SPERB et al., 2020). Essa paralisação e o retorno gradual e não generalizado, que teve início em agosto, atingiram todas as crianças e jovens estudantes do país. Mas todos esses alunos foram impactados de forma equivalente?

Blackout

Em tempos de pandemia, um método de ensino até então pouco disseminado, o Ensino à Distância (EAD), tornou-se uma exigência e escancarou mais ainda a desigualdade educacional brasileira. Com a suspensão das aulas, o ensino por meio de plataformas virtuais surgiu como o grande “salvador da pátria”, para quem pode ter acesso a ele. Para servir-se das aulas on-line é preciso ter um dispositivo eletrônico para acesso à internet e uma boa conexão, o que não é a realidade de muitas famílias no nosso país.

Indicadores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontaram que mais de 20% dos lares no Brasil não tinham acesso à internet. Desses lares, apenas 48,1% possuíam

um microcomputador, tornando o ensino remoto inacessível para grande parte da população brasileira. A desigualdade social e a falta de acesso a essas tecnologias agravam o abismo educacional entre os que podem acessar e ter continuidade a um ensino remoto e aqueles que sequer possuem um dispositivo eletrônico com conexão à internet (IBGE, 2020b).

Para discutirmos o reflexo da pandemia na educação é fundamental, também, observar outras pesquisas do instituto (IBGE, 2020a) e a pesquisa Juventudes e a Pandemia do Coronavírus, idealizada pelo Conjuve – Conselho Nacional de Juventude (CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE, 2020).

A PNAD Educação divulgou, pela primeira vez, dados sobre evasão escolar. A pesquisa mostra que a passagem do ensino fundamental para o médio é um divisor de águas na questão do abandono escolar. Aos 14 anos, 8,1% dos alunos estão fora da escola, aos 15, esse percentual quase dobra, chegando a 14,1%. Essa porcentagem continua aumentando, chegando a 18,0% entre pessoas com 19 anos ou mais. Das 50 milhões de pessoas entre 14 e 29 anos, no Brasil, 20,2% estão em defasagem escolar, abandonaram os estudos ou nunca frequentaram uma escola. São 10,1 milhões de pessoas, brasileiros e brasileiras. Deste total, 71,7% são pretas ou pardas. Por meio desses dados, podemos concluir que a evasão escolar não é apenas uma consequência socioeconômica, é também racial (IBGE, 2020a).

O fator mais decisivo na evasão escolar é econômico, 39,1% dos jovens abandonam os estudos para trabalhar, sendo essa a razão declarada por 50% dos homens e 23,8% das mulheres, empatando com o percentual de alunas que evadiram por gravidez. Outro motivo para evasão estudantil salta aos olhos: 29,2% dos alunos e alunas abandonam a escola por falta de interesse. Esse é o principal motivo do abandono entre as mulheres (24,1%) e o segundo entre os homens (33%) (IBGE, 2020a).

Em matéria da revista Carta Capital, assi-

nada por Ana Luisa Basilio, o chefe de educação do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), Ítalo Dutra, fala da sua preocupação com o aumento da evasão escolar por conta da pandemia do coronavírus:

Nós fechamos as escolas sem planejamento. Na maioria dos estados, o que vimos foi recesso, férias e depois ensino remoto. E essas atividades evidenciaram as desigualdades educacionais que o País tem”, afirma. “Em São Paulo, menos da metade dos alunos tinha acesso ao conteúdo on-line em maio, e estamos falando do estado mais conectado e rico do País, entende? A não manutenção deste vínculo pode impactar o abandono escolar (BASILIO, 2020).

A Pesquisa Juventudes e a Pandemia do Coronavírus também alerta para um possível aumento da evasão escolar durante a pandemia causada pela Covid-19. Promovida pelo Conselho Nacional de Juventude, essa pesquisa envolveu estudantes de todo o Brasil. Três, em cada dez jovens, afirmam que já pensaram em não retornar aos estudos. Sobre o que seria importante ser trabalhado nas aulas durante a pandemia, 57% apontou atividades para lidar com as emoções, estresse e ansiedade, sendo este o item considerado mais relevante entre todos os outros (CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE, 2020).

Os impactos do isolamento social prolongado no desenvolvimento pedagógico e saúde mental das crianças e jovens são imensos e duradouros. Segundo Guilherme Polanczyk, do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina na Universidade de São Paulo, embora crianças e adolescentes não sejam o foco de maior preocupação no contexto da pandemia que vivemos, com manifestações da doença mais brandas, em comparação com adultos e idosos, “o impacto sobre a saúde mental desse grupo deverá ser da mesma magnitude, talvez maior” (POLANCZYK, 2020).

Se as escolas não tiverem um olhar atento para

o que esses dados significam, elas irão se distanciar cada vez mais deste público jovem, gerando mais desinteresse e aumentando, de forma drástica, a evasão escolar. Como diminuir a dívida educacional e emocional para com esses jovens em idade escolar? A Pesquisa Juventudes e a Pandemia do Coronavírus aponta um caminho: é preciso um olhar para atividades que acessem os estados emocionais e trabalhem o estresse e a ansiedade dessa população.

Afinar os refletores

[...] a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence (BARBOSA, 1998, p. 16).

A realidade atual é de distanciamento social, paralisação das escolas por um período longo e um provável retorno com ensino híbrido, aulas presenciais com grupos e horários reduzidos e complementadas pelo ensino on-line. A isso, somam-se os protocolos de segurança que exigem um afastamento dos outros corpos em um mesmo ambiente, aumentando a sensação de despertimento nas crianças e jovens no espaço estudantil.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) incluiu a obrigatoriedade do ensino das artes no currículo da educação básica nas escolas do país, assumindo a arte como uma área de conhecimento. Em maio de 2016, a Lei 13.278 determina a inclusão das quatro áreas das artes – as artes visuais, a dança, a música e o teatro – nos currículos dos diversos níveis da educação e estabelece o prazo de cinco anos para a formação de professores e a implantação destes componentes curriculares no ensino infantil, fundamental e médio (BRASIL, 2016).

Será uma luz no fim do túnel? A lei precisa se tornar uma prática e uma realidade para todas as crianças e jovens do Brasil. Caso contrário, a arte,

somada à exclusão digital, será mais um meio de criação, educação e expressão que é negado para grande parte da população escolar.

Edgard Morin afirma que “a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo ensino”, trabalhando as esferas individual, social, a diversidade cultural e a pluralidade dos indivíduos. Quem, se não a arte, poderia aprofundar essas questões, com amplitude e reverberação, em uma ação prática, para além da reflexão?

O ser humano é, a um só tempo, físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos (MORIN, 2018, p. 15).

Em entrevista à revista *Época*, Ana Mae Barbosa afirma a importância do contato com a arte para crianças e adolescentes. “Primeiro, porque no processo de conhecimento da arte são envolvidos, além da inteligência e do raciocínio, o afetivo e o emocional, que estão sempre fora do currículo escolar.” (MORRONE, 2016). Mas, como ela mesma diz em outra entrevista, para Nova Escola (PERES, 2019), “falar com um burocrata da Educação sobre o emocional não vai ter efeito”. Como diz o Pequeno Príncipe na obra homônima de Antoine de Saint-Exupéry, “as pessoas grandes adoram os números” (SAINT-EXUPÉRY, 2013, p. 13) `”title”:”O pequeno príncipe”,”type”:”book”,”locator”:”13”,”uris”:”[”http://www.mendeley.com/documents/?uuid=464f3cde-4367-4e00-9770-d275ca4077cc”]”,”mendeley”:{”formattedCitation”}”(SAINT-EXUPÉRY, 2013, p. 13.`

Ana Mae Barbosa coloca mais um ponto, que pode agradar burocratas: “a arte estimula o desenvolvimento da inteligência racional, medida pelo

teste de QI” (MORRONE, 2016). Pesquisa sobre o efeito das artes nos estudos, coordenada pelo professor James Catterall, da UCLA (Universidade da Califórnia, em Los Angeles), aponta que estudantes expostos a artes têm notas melhores, mais concentração, criatividade e espírito de colaboração (CHIARETTI, 2005).

É urgente a implementação dessas quatro áreas artísticas na educação básica. Em tempos de pandemia, onde gestos e corpos estão mais contidos e o distanciamento é a regra, é preciso um olhar mais atento para as artes que trabalhem a expressão corporal, como a dança e o teatro. Enquanto a Lei 13.278/2016 não é totalmente implementada, o que ocorre é um protagonismo das artes plásticas, ofuscando as outras formas de manifestação artísticas. Marcia Strazzacappa problematiza esta questão no artigo “A Educação e a Fábrica de Corpos: A Dança na Escola”.

Os cursos de Educação Artística, cujo caráter ‘menos formal’ poderia possibilitar uma maior mobilidade das crianças em sala de aula, tendem a priorizar os trabalhos em artes plásticas (desenho, pintura e algumas vezes escultura), atividades onde o aluno acaba tendo de permanecer sentado (STRAZZACAPA, 2001, p. 71)

Não se trata de um ataque às artes plásticas. É inegável a importância desta manifestação artística e seu poder na educação, no despertar da sensibilidade estética e no estímulo à criatividade. Trata-se de uma luta pela equidade entre as diversas formas de expressão artística dentro do espaço escolar, inclusive para as outras formas de artes visuais. Dança, música, teatro e artes visuais juntas e inteiras, com a potência de suas particularidades, iluminando caminhos para alunas e alunos.

Marcia Strazzacappa pontua a importância das atividades corporais artísticas nas escolas:

A dança no espaço escolar busca o desenvolvimento não apenas das capacidades motoras das crianças e

adolescentes, como de suas capacidades imaginativas e criativas. As atividades de dança se diferenciam daquelas normalmente propostas pela educação física, pois não caracterizam o corpo da criança como um apanhado de alavancas e articulações do tecnicismo esportivo, nem apresentam um caráter competitivo, comumente presente nos jogos desportivos. Ao contrário, o corpo expressa suas emoções e estas podem ser compartilhadas com outras crianças que participam de uma coreografia de grupo (STRAZZACAPA, 2001, p. 71)

O distanciamento, sendo ele presencial ou virtual, não impede o trabalho do corpo nas artes, o ser humano tem uma capacidade enorme de se adaptar. Em meio à pandemia, com beijos e abraços abolidos e encontros restritos, novas formas de toques físicos e proximidades foram criadas (cotovelo com cotovelo, pé com pé, encontros e comemorações virtuais). Para além do toque, temos nossas percepções internas e externas, o outro, o espaço, o jogo e a coletividade como pontos importantes a serem trabalhados. Somos corpos potentes e criativos, capazes de gerar conexões e novas possibilidades dentro das capacidades artísticas.

Strazzacappa (2001) relata que nas instituições onde a dança começou a ser trabalhada, professores e diretores perceberam mudanças positivas no comportamento das alunas e alunos, como diminuição das faltas, aumento das participações nas atividades escolares e maior interesse pelo ensino. É como se a dança tivesse recuperado o prazer de estarem naqueles espaços.

O teatro e os jogos teatrais são outras ferramentas potentes para trabalhar a sensibilidade, a percepção de si e do outro, do entorno e a inter-relação com o mundo, em um trabalho coletivo e estético. Para além disso, podem ser aliados da escola no desenvolvimento da autonomia criativa e expressiva, como um espaço de criação e reflexão, a partir de uma atividade de vivência prática.

A experiência com o teatro resgatou o interesse das alunas e alunos do Colégio Estadual Walter

Orlandini, em São Gonçalo, RJ. A escola teve as melhores médias do Enem de 2012 entre todas as da rede pública da cidade. De forma extracurricular, o teatro diminuiu a evasão escolar e melhorou o desempenho dos alunos (BARRETO, 2014).

A taxa de evasão caiu 36% em cinco anos, e hoje é de 7%, menor que a da rede estadual (9,6%). No Enem, as médias do colégio em 2012 foram as maiores desde que o exame foi iniciado, 507,61 nas provas objetivas e 555,09 na redação — as melhores médias entre as 77 escolas regulares de ensino médio da rede pública de São Gonçalo (BARRETO, 2014)

No artigo “O Teatro, o Jogo e a Educação Escolar”, Abel Xavier afirma, em plena pandemia, a urgência do teatro na escola para darmos às crianças e jovens “oportunidades de aprendizagem fundamentadas na experiência estética do corpo como elemento íntegro, integral e integrador”. Neste momento “em que a experiência virtual toma conta das relações, o ataque toma o espaço do diálogo e a polarização sobrepõe a ponderação, parece-nos muito importante insistir em práticas agregadoras, dialogadoras, de percepção e de espaço de falar e ouvir.” Abel Xavier coloca o jogo teatral como um contraponto ao momento político e social trágico que estamos vivendo (XAVIER, 2020).

É urgente sermos contaminados pela arte quando temos um vírus infectando o país e vermes atacando as políticas públicas no Brasil, exterminando as difíceis conquistas implementadas em décadas passadas, principalmente na saúde, educação e cultura.

É inegável a vantagem da arte-educação nas escolas e as potências do contato com ela. Mas, mesmo com o seu poder de interdisciplinaridade, o fazer artístico não pode servir, apenas, como uma complementariedade a outras disciplinas. A arte precisa ser entendida e respeitada como uma atividade com um fim em si mesma.

Como defende Ingrid Koudela no livro “Jogos Teatrais”, dentro da linha “essencialista”, a arte,

com seu valor intrínseco e único, não precisa de justificativas externas para sua aplicação na educação. E nem merece que isso seja feito de forma “instrumental”, apenas com objetivos psicológicos (KOUDELA, 2009).

Para a arte não ser vista apenas como um veículo para extravasar as emoções, é essencial professores preparados, com embasamento teórico e profundo conhecimento prático e pedagógico para tratar cada uma das áreas das artes com responsabilidade. Em *Tópicos Utópicos*, Ana Mae Barbosa alerta para esta “instrumentalização”.

Aqueles que defendem a arte na escola meramente para libertar a emoção devem lembrar que podemos aprender muito pouco sobre nossas emoções se não formos capazes de refletir sobre elas. Na educação, o subjetivo, a vida interior e a vida emocional devem progredir, mas não ao acaso. Se a arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um “grito da alma”, não estamos oferecendo nem educação cognitiva, nem educação emocional (BARBOSA, 1998).

O prazo para a implementação da Lei 13.278/2016 é previsto para maio de 2021, no entanto, perguntas de extrema importância ainda continuam em aberto. Como esta lei vem sendo implementada e como se dá a formação de professores polivalentes para que consigam abranger as quatro áreas dentro de suas distintas complexidades, são questões que, de modo específico e mais detalhado, merecem ser tratadas em uma futura abordagem.

Um ponto de luz

“É melhor acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão.”

Para atravessar esse momento de pandemia, não basta esperar uma claridade no fim do túnel.

É preciso afinar uma luz que nos ajude a atravessar a escuridão. O “novo normal”, termo tão utilizado nos últimos meses, precisa construir uma “nova educação”, uma “nova escola”, com a ajuda das artes. Não sejamos negacionistas, não podemos voltar às aulas ignorando o momento traumático que estamos vivendo. Não sejamos parte da cegueira coletiva.

Sejamos luz, dialogando sobre as questões da pandemia, iluminando as questões individuais e coletivas. Como diz Ana Mae Barbosa, não se trata de “liberar as emoções”, mas refletir sobre elas. Essa é a grande transformação, o caminho para uma escola que acolhe e motiva a sensação de pertencimento, gerando engajamento social, político e resgatando a identidade individual e coletiva.

Em um mundo desfocado, com tantas vidas perdidas, tantas interdições, tanta ignorância institucionalizada, é imprescindível que a escola, mais do que nunca, seja lugar coletivo de afeto, acolhimento, encontro, reflexão e inclusão.

Que na escola, a arte seja luz!



Referências

- BARBOSA, A. M. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/arte, 1998.
- BARRETO, D. Escola estadual de São Gonçalo dá espetáculo e combate evasão escolar com grupo de teatro. *Extra*, 30 jul. 2014.
- BASILIO, A. L. Por que a pandemia pode contribuir com a evasão escolar? *Carta Capital*, 3 set. 2020.
- BBC BRASIL. Brasil chega a 200 mil mortes por covid-19 em dia com recorde de óbitos e casos. *BBC Brasil*, 7 jan. 2021.
- BRASIL. Lei inclui artes visuais, dança, música e teatro no currículo da educação básica. *Portal de Notícias*, 2016.
- CHIARETTI, D. A arte de educar. *Folha de S. Paulo*, 26 abr. 2005.
- CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE. Juventudes e a pandemia do Coronavírus. Disponível em: <<https://www.juventude-seapandemia.com/>>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- ESTADÃO. OMS declara emergência de saúde pública global por surto de coronavírus. *O Estado de S. Paulo*, 30 jan. 2020.
- IBGE. PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>>. Acesso em: 10 jan. 2021a.
- IBGE. PNAD Continua TIC 2018: Internet chega a 79,1% dos domicílios do país. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79>>

- 1-dos-domicilios-do-pais>. Acesso em: 10 jan. 2021b.
- KOUDELA, I. D. Jogos teatrais. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- MOREIRA, A.; PINHEIRO, L. OMS declara pandemia de coronavírus. G1, 11 mar. 2020.
- MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- MORRONE, B. A importância do ensino de artes nas escolas (Entrevista com Ana Mae Barbosa). Época, jun. 2016.
- PERES, P. A arte pode beneficiar até a alfabetização nas escolas. Nova Escola, set. 2019.
- POLANCZYK, G. O custo da pandemia sobre a saúde mental de crianças e adolescentes. Jornal da USP, 11 maio 2020.
- SAINTE-EXUPÉRY, A. O pequeno príncipe. São Paulo: Harper Collins, 2013.
- SPERB, P. et al. Todos os estados cancelam aulas na rede pública estadual. Folha de S. Paulo, 17 mar. 2020.
- STRAZZACAPA, M. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. Cadernos CEDES, v. 21, n. 53, p. 69–83, 2001.
- XAVIER, A. L. O teatro, o jogo e a educação escolar. Revista Piratininga, v. 2, p. 90–2, 2020.